ODE

Á MORTE

DO ILUSTRISSIMO E EISCELENTISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO,

BISPO DE COIMBRA, CONDE D'ARGANIL,

REFORMADOR REITOR DA UNIVERSIDADE,

Á QUAL E A TODO O BISPADO

DEDICA

UM BRASILEIRO

SAUDOSO E AGRADECIDO.

COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1822.

O D E.

Dilectus Deo et hominibus, cujus memoria in benedictione est.

Eccles. 45. 1.

¿Que é isto, Ceo piedoso?
¿Que negra nuvem abrasar ameaça
C'o fogo vingador, que silva e estoira,
A risonha Cidade, torreada? (1)
¿Que sepulcral silencio,
Que apenas interrompem
Tão magoados soluços?
¿Que é isto, ó Ceo? ¿que horrivel ousadia
Tua Dextra vingadora desafia?

Mas ah! ¿que é o que eu oiço?
¡O rouco bronze, interprete da morte,
Das empinadas torres triste brada!
Éco despertador, nuncio terrivel
Dos Juizos do Eterno,
Que do Fiel Rebanho (2)
As Oraçõis demandas
Com tão saudoso brado, ¿quem perdemos?
¿P'ra quem ao Ceo as preces levaremos?

Sim — sim — ja comprehendo :
A Santa Espòsa (3) amargurada chora
A sua viuvez ; seus filhos chama
A chorarem com ela o Esposo amado.
Sim — sim — a perda é certa :
Que os orfãos, as viuvas,
Os pobres, os piquenos,
A curvada velhice, o desvalido,
Clamão que o Pai comum tem ja perdido.

Chorai vossa Orfandade,
Sim, chorai, que é fatal herança nossa,
Da gratidão o pranto puro incenso
É aos olhos do Eterno. Ah! que esse pranto
Val mais que os sumptŭosos
Marmoreos obeliscos,
Padrõis da vaïdade.
Chorai o Varão justo, essa alma rara,
Que em tantos anos a Nação honrára :

Que do novo Hemisferio,
Sua terra natal, patria adoptiva
Veio buscar na Lysia, e co'as virtudes
Esta honrou, c'o nascimento aquela :
Que, bem medrado Aluno
Da clara Sapiencia,
Penetrou seus arcanos,
E honrou os trez Reinados de tal sorte,
Que seu nome salvou da lei da morte. (4)

Magnanimo na adversa,
Na prospera fortuna moderado, (5)
Afavel, compassivo, generoso,
A' grandeza, em feliz consorcio, unindo
Religiosa humildade,
Do mundo foi Delicias,
De Pastores Espelho.
¡Que virtudes n'um só tesoiro unidas,
Que a muitos honrarião, repartidas!

Ilustres Companheiros,
Dizei-o vós, que em dilatados anos
Mão profunda metestes em sua alma,
E seu final suspiro recebestes
Em o leito da morte,
Dizei-o, sim: ¿que axastes?
Vossa dor bem o eisplica:
Na vida um Anjo, no fim dela um Justo,
Que aos braços do Senhor voou sem custo.

¿Porem que novo objeto
Minha alma assalta? Varonil Donzela,
De lugubre Cipreste coroada,
Sòlta a madeixa, palido o semblante,
Ante mim se apresenta ...
Ah! sim — eu te saüdo,
Athenas Lusitana:
¿Vens piedosa honrar hoje a memoria
D'esse Heroe que te deu tamanha gloria?

Vem pois, flores espalha
Sobre essa Campa fria, e deposita
A seus pés os trofeos que, por seu braço,
Da bronca Estupidez tu conquistaste.
Ele com mão graciosa
Abriu os alicerces
Ao teu soberbo Imperio,
Ás raias lhe estendeu, sabio profundo,
Deu-te leis imortais que admira o mundo. (6)

Só a seu meigo aceno,
Foragida, correu a Natureza
A depor em teu seio seus tesoiros,
E dadivosa abriu altos segredos
Com que as Artes se animão. (7)
Por ele, teus Alunos,
Quais providas abelhas,
Forão longe buscar ferteis devezas,
E a teus cofres troucerão mil riquezas. (8)

Nem te esqueça o denòdo
Com que assaltos da Inveja e da Calunia
Por ti aos pés calcou, nem seus esforços
P'ra dar ao Templo teu a indispensavel
Real arquitetura.
Abre pois com mão grata
Em saüdoso Quadro,
Para espanto do Seculo vindoiro,
De Lemos as açöis em letras d'oiro.

¿ Onde me arrastas , Musa ?
¿ Ao Varão imortal , com mão profana ,
Busto perecedoiro erguer intentas ?
As azas bate , ao firmamento vòa ;
Olha , como despido
Desta humana poeira ,
Pairando sobre as nuvens ,
O Espirito imortal vè sobranceiro
Este Orbe , que é no Espaço um vil argueiro.

O' Spirito ditoso ,
E tu do grão Pombal Genio sublime ,
Lá da SANTA SIAÕ , onde subistes ,
O Aluno e o Mestre , vede compassivos
Nossa triste Orfandade ;
Tutelai de mãos dadas
Vossa Patria saudosa ;
Salvai esta soberba Monarquia ,
Que bem carece de celeste Guia.

---

(1) Coimbra : *ridentem Collimbriam* chamão-lhe os antigos ; suas muitas torres lhe valem o epiteto — *torreada*.

(2) Os Fieis do Bispado.

(3) A Igreja Conimbricense.

(4) Do Senhor D. José I , da Senhora D. Maria I , e o actual.

(5) Sabemos os Contemporaneos o como se houve nos contratempos que lhe tramou a Inveja. Lembraremos somente o que o levou á Còrte , contra ele inflamada porque corrèra ao Pombal para receber o ultimo suspiro do Marquez seu amigo e Protetor , a quem fez sumptuosas eisequias.

(6) Alude á gloriosa reforma da Universidade no Reinado do Senhor D. José I. sob os auspicios do grande Marquez do Pombal, a qual valeu bem uma fundação. São testemunho imortal d'essa reforma os Estatutos que se fizerão : obra prima, na qual *merece* (diz o Padre Antonio Pereira) *os principais gabos* o Desembargador do Paço João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. O nome só deste grande Magistrado, que serviu tãobem nos ditos trez Reinados, recorda longos e importantissimos serviços, feitos ao lado dos Monarcas, de que nenhum outro Magistrado pode gloriar-se. Apezar disso, pòde tanto a intriga de Côrte, que é o unico homem publico daquele tempo, que ficou sem recompensa. A historia imparcial vingará, um dia, tal afronta.

(7) Alude á regeneração do estudo das Sciencias naturaes, naquele tempo não só abandonadas, mas até vilipendiadas.

(8) Nomearemos, entre outros, os ilustres sabios, conhecidos na Europa, os Senhores José Bonifacio d'Andrade, Manuel Ferreira da Camara, Manuel Pedro de Melo, e Paulino de Nola e Oliveira, ha pouco chegado a este Reino, os quais todos honrárão nossa Universidade entre os sabios estrangeiros, e nos troucerão grande cabedal de conhecimentos.

OBSERVAÇÃO.

As virtudes que atribuimos ao nosso Heroe não são eisageraçõis, nem liberdade de Poeta: sabemos com muita particularidade sua vida, e não dizemos coisa que não possamos provar. E saiba a Posteridade que o autor nada tem que esperar das pessoas que restão desta ilustre e gloriosa Familia.